REDISCUTINDO A MESTIÇAGEM NO BRASIL

Identidade nacional *versus* identidade negra

Kabengele Munanga

Coleção Cultura Negra e Identidades

autêntica

Copyright © 2004 Kabengele Munanga

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora Ltda. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

COORDENADORA DA COLEÇÃO
Nilma Lino Gomes

CONSELHO EDITORIAL
Marta Araújo (Universidade de Coimbra); Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (UFSCAR); Renato Emerson dos Santos (UERJ); Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC Minas); Kabengele Munanga (USP)

EDITORAS RESPONSÁVEIS
Rejane Dias
Cecília Martins

REVISÃO
Rosemara Dias dos Santos
Bruna Emanuele Fernandes

CAPA
Alberto Bittencourt (sobre imagem Máscara dos gêmeos, *do grupo mblo © Prestel, Munique, Nova York, 1997)*

DIAGRAMAÇÃO
Camila Sthefane Guimarães
Guilherme Fagundes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Munanga, Kabengele
Rediscutindo a mestiçagem no Brasil : identidade nacional versus identidade negra / Kabengele Munanga. -- 5. ed. rev. amp.; 2. reimp. -- Belo Horizonte : Autêntica , 2020. -- (Coleção Cultura Negra e Identidades).

ISBN 978-85-513-0601-7

1. Características nacionais brasileiras 2. Identidade social - Brasil 3. Mestiçagem 4. Mestiçagem - Brasil 5. Negros - Brasil - Identidade racial I. Título. II. Série.

19-25944 CDD-305.800981

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil : Identidade nacional : Aspectos sociais 305.800981
2. Brasil : Identidade negra : Relações raciais : Aspectos sociais 305.800981
3. Brasil : Mestiçagem : Etnologia cultural : Sociologia 305.800981

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

GRUPO **AUTÊNTICA**

Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

São Paulo
Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional
Horsa I . 23° andar . Conj. 2310-2312
Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br

SUMÁRIO

9 Apresentação à quinta edição
Nilma Lino Gomes

15 Prefácio
Teófilo de Queiroz Júnior

19 Introdução

23 **Conceito e história da mestiçagem**
As ambiguidades do conceito
A mestiçagem na história da humanidade
A mestiçagem na história do pensamento
Os séculos XIX e XX e a questão da mistura das raças na doutrina nórdica
Ideologias da mestiçagem

53 **A mestiçagem no pensamento brasileiro**

85 **Ambiguidade de raça/classe e a mestiçagem como mecanismos de aniquilação da identidade negra e afro-brasileira**

91 **Mestiçagem contra pluralismo**

99 **Mestiçagem como símbolo da identidade brasileira**

111 **Mestiçagem e políticas afirmativas no Brasil do século XXI**
Mestiçagem e discursos contra as políticas afirmativas
Mestiçagem e fraudes das vagas para cotistas
Mestiçagem e colorismo

133 **Conclusão**

151 **Referências**

A mestiçagem no pensamento brasileiro

Ao abordar a questão da mestiçagem do final do século XIX, os pensadores brasileiros se alimentaram, sem dúvida, do referencial teórico desenhado pelos cientistas ocidentais, isto é, europeus e americanos de sua época e da época anterior. A discussão travada por alguns iluministas a respeito do caráter ambivalente da mestiçagem, seja para explicar e confirmar a unidade da espécie humana (Buffon, Diderot), seja para negá-la (Voltaire); a ideia da mestiçagem tida ora como um meio para estragar e degradar a boa raça, ora como um meio para reconduzir a espécie a seus traços originais; as ideias sobre a degenerescência da mestiçagem etc., todo o arcabouço pseudocientífico engendrado pela especulação cerebral ocidental repercute com todas as suas contradições no pensamento racial da elite intelectual brasileira.

Como acontece geralmente na maioria dos países colonizados, a elite brasileira do fim do século XIX e início do século XX foi buscar seus quadros de pensamento na ciência europeia ocidental, tida como desenvolvida, para poder não apenas teorizar e explicar a situação racial do seu País, mas também, e sobretudo, propor caminhos para a construção de sua nacionalidade, tida como problemática por causa da diversidade racial.

No entanto, no encaminhamento da discussão ideológico-política da mestiçagem para enfrentar o problema nacional, os pensadores brasileiros, na sua maioria, apesar de terem sido alimentados pela "ciência" ocidental de sua época, elaboraram propostas originais, diferentes das elaboradas nos Estados Unidos, na América Espanhola, nas Antilhas Francesas e no Caribe.

Para caracterizar esse pensamento brasileiro sobre a mestiçagem, faz-se necessário sintetizar criticamente seus produtores mais destaca-

dos, antes de analisar seus efeitos e suas consequências no processo da formulação da identidade nacional e seu contrapeso na problemática da formação da identidade negra ou afro-brasileira. Trataremos deles na medida em que suas obras apareceram cronologicamente no decorrer da história, sem deixar de incluir as críticas contra eles, feitas por outros pensadores, e sem poupá-los de nossos próprios comentários críticos, embora estes sejam deslocados no tempo.

O fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não crucial: a construção de uma nação e de uma identidade nacional.[73] Ora, esta se configura problemática, tendo em vista a nova categoria de cidadãos: os ex-escravizados negros. Como transformá-los em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira quando a estrutura mental herdada do passado, que os considerava apenas como coisas e força animal de trabalho, ainda não mudou? Toda a preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, diz respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira.

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca; daí por que a raça se tornou o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim do século XIX e que repercutiu até meados do século XX. Elaborações especulativas e ideológicas vestidas de cientificismo dos intelectuais e pensadores dessa época ajudariam hoje, se bem reinterpretadas, a compreender as dificuldades que os negros e seus descendentes mestiços encontram para construir uma identidade coletiva, politicamente mobilizadora.

Apesar das diferenças de pontos de vista, a busca de uma identidade étnica única para o País tornou-se preocupante para vários intelectuais desde a primeira República: Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manuel Bonfim, Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Edgar Roquete Pinto, Oliveira Viana, Gilberto Freyre etc., para citar apenas os mais destacados. Todos estavam interessados na formulação de uma

[73] Ver uma análise mais aprofundada a respeito da identidade nacional. In: CARVALHO, José Murilo de. Entre a liberdade dos antigos e a dos modernos: *A República no Brasil. Dados*. Rio de Janeiro, IUPERJ/Vértice, 1989, v. 32, n. 3.

teoria do tipo étnico brasileiro, ou seja, na questão da definição do brasileiro enquanto povo e do Brasil como nação. O que estava em jogo, nesse debate intelectual nacional, era fundamentalmente a questão de saber como transformar essa pluralidade de raças e mesclas, de culturas e valores civilizatórios tão diferentes, de identidades tão diversas, numa única coletividade de cidadãos, numa só nação e num só povo.[74]

Todos, salvo algumas exceções, tinham algo em comum: influenciados pelo determinismo biológico do fim do século XIX e início deste, eles acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo a negra, e na degenerescência do mestiço.

No seu pensamento, Sílvio Romero coloca a crucial questão de saber se a população brasileira, oriunda do cruzamento entre as três raças (branca, negra e índia) tão distintas, poderia fornecer ao País uma feição própria, original. Acreditava no nascimento de um povo tipicamente brasileiro, que resultaria da mestiçagem entre essas três raças e cujo processo de formação estava ainda em curso. Mas, desse processo de mestiçagem, do qual resultará a dissolução da diversidade racial e cultural e a homogeneização da sociedade brasileira, dar-se-ia a predominância biológica e cultural branca e o desaparecimento dos elementos não brancos.

"Todo brasileiro é um mestiço, quando não é no sangue, o é nas ideias."[75] Mas, não é por isso – completa – que o Brasil será uma nação de "mulatos", porque na mestiçagem a seleção natural faz prevalecer, após algumas gerações, o tipo racial mais numeroso, que no caso do Brasil é a raça branca, graças à intensificação da imigração europeia, ao fim do tráfico negreiro, ao decréscimo da população negra após a abolição e ao extermínio dos índios. Dentro de dois ou três séculos, a fusão entre as três raças será talvez completa e o brasileiro típico, mestiço, bem caracterizado. Fica claro para nós que a mestiçagem, no pensamento de Romero, representa apenas uma fase transitória e intermediária no pavimento da estrada que levaria a uma nação brasileira presumidamente branca.

---

[74] SEYFERTH, Giralda. As ciências sociais no Brasil e a questão racial. In: SILVA, Jaime da; BIRMAN, Patrícia e WANDERLEY, Regina (Orgs.). *Cativeiro e liberdade*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1989, p. 13.

[75] ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 29. ed., São Paulo, Cultrix, 1975, p. 13.

Por mais que Sílvio Romero possa acreditar no futuro próximo de um tipo racial e cultural genuinamente brasileiro, resultado da mestiçagem, seu pensamento demonstra algumas inconsistências. Contrariando sua predição, ele observa que o resultado dos grandes agentes transformadores, isto é, a natureza e a mescla de povos diversos ainda em ação, não pode ser determinado com segurança. Em outros momentos, ele disse: "ainda entre nós as três raças não desapareceram confundidas num tipo novo, e este trabalho será lentíssimo. Por enquanto a mescla das cores e a confusão nas ideias é o nosso apanágio".[76] Mais confiante, ele retoma:

> O povo brasileiro, como hoje se nos apresenta, se não constitui uma só raça compacta e distinta, tem elementos para acentuar-se com força e tornar-se um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de repensar na América um grande destino histórico-cultural.[77]

Posicionando-se criticamente contra a tese otimista, defendida por João Batista Lacerda, de que negros, índios e mestiços desapareceriam dentro de um século,[78] ele revê sua posição anterior, na qual estimava que o processo de branqueamento levaria de três a quatro séculos. Ele volta a pensar que o processo tomaria uns seis ou sete séculos, se não mais – para a absorção de índios e negros.

> É preciso ser completamente ignorante em coisas de antropologia e etnologia para desconhecer o duplo fenômeno da persistência dos caracteres fundamentais das raças, por um lado, e, por outro lado, o fenômeno de cruzamento de todas elas, sempre que se acham em contato. O desaparecimento total do índio, do negro e do mestiço poderia ocorrer, apenas, se toda a miscigenação futura incluir um parceiro extremamente claro (senão branco)...[79]

---

[76] ROMERO, Sílvio. *Apud* SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 53.

[77] ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*, 29. ed., São Paulo, Cultrix, 1975, p. 16; *apud* SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 53.

[78] LACERDA, João Batista. *Sur les métis au Brésil*. Paris, Imprimerie Devouge, 1911.

[79] ROMERO, Sílvio. Prefácio a Tito Lívio da Costa (O Brasil e o negro). Outlok. V. 106, p. 410, 21 de fev., 1914, *apud* SKIDMORE, Thomas E. *Op. cit.*, p. 86.

Em seu livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, cuja primeira edição data de 1894, Raimundo Nina Rodrigues, em desavença com Sílvio Romero, desacredita na tese desenvolvida por este último, segundo a qual era possível desenvolver no Brasil uma civilização a partir da fusão da cultura "branca" com as contribuições negras e índias, sendo as duas últimas consideradas por ele "espécies incapazes". Uma adaptação imposta e forçada de espíritos atrasados a uma civilização superior provocaria desequilíbrios e perturbações psíquicas.[80]

A evolução ontogênica é uma simples recapitulação abreviada da evolução filogênica, o que significa que o indivíduo herda os traços somáticos e o estágio mental correspondente à sua raça. Por isso, o atavismo pode se manifestar nos produtos de cruzamentos inter-raciais. A heterogeneidade tanto racial quanto cultural da população brasileira, constatada até o nível de distribuição espacial do País, leva Nina a rejeitar a unidade étnica projetada no pensamento de Sílvio Romero. Por isso, ele propôs, no lugar da unidade, a institucionalização e a legalização da heterogeneidade, através da criação de uma figura jurídica denominada responsabilidade penal atenuada. Com este instrumento, poderiam ser geridas as desigualdades entre as raças e seus subprodutos que compõem a população, contemplando a ausência de um mesmo grau de cultura mental.[81]

Sendo dadas as desigualdades entre as raças, seriam necessárias modificações na responsabilidade penal. A regra do contrato na sociedade brasileira, que considera todos os indivíduos iguais perante a lei, que é uma medida de defesa social, converte-se em pura repressão: índios, negros e mestiços não têm a mesma consciência do direito e do dever que a raça branca civilizada porque ainda não atingiram o nível de desenvolvimento psíquico, seja para discernir seus atos, seja para exercer o livre-arbítrio.

Nina ressalta que o modo pelo qual se ajustam os diversos elementos antropológicos para formar a sociedade brasileira é extremamente variável nas diversas zonas ou centros do País. Desde os tempos coloniais, a

[80] RODRIGUES, Raimundo Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Salvador, Livraria Progresso Editora, 1957, p. 90.

[81] RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. cit.*, p. 73.

população branca foi desigualmente distribuída pelo extenso território. A imigração de italianos e alemães concentrou-se em certas regiões do País com exclusão de outras, da mesma forma que foi desigualmente distribuída pelos invasores. Baseando-se nessas desproporções de distribuição no espaço geográfico nacional – de acordo com o clima, as áreas privilegiadas pela imigração branca, pela concentração dos negros, pela dizimação dos índios –, Nina reforça sua discordância da tese sustentada por Sílvio Romero sobre a existência de um tipo étnico brasileiro resultado da mestiçagem, através da qual realiza-se a predominância da raça branca.[82]

Falando dos feitos da mistura das raças em termos de conduta e de temperamento, Nina disse, citando Spencer:

> a julgar por certos fatos, a mistura entre as raças de homens muito dessemelhantes parece produzir um tipo sem valor, que não serve nem para o modo de viver da raça superior nem para o da raça inferior, que não presta enfim para gênero de vida algum...

Para ele, as raças cruzadas estão profundamente degradadas, e atribui essa degradação aos defeitos dos colonizadores portugueses que eram gente da pior espécie, proveniente de um povo atrasado e arredio da civilização europeia, ao insucesso das catequeses, ao calor excessivo do clima e à riqueza do solo. A população mestiça brasileira conhece uma escala que vai "do produto inteiramente inaproveitável e degenerado ao produto válido e capaz de manifestação superior". Essa mesma escala, portanto, deveria ser aplicada no exame da "responsabilidade moral e penal", e esta iria desde sua inteira negação em um extremo até a afirmação plena no extremo oposto.[83] Vista por esse ângulo, a criminalidade do mestiço brasileiro torna-se uma manifestação de fundo degenerativo e, portanto, ligada às más condições antropológicas do cruzamento. Essa ideia permite-lhe argumentar contra o livre-arbítrio:

---

[82] Ana Maria Medeiros da Fonseca, em sua Dissertação de Mestrado: *Das raças à família: um debate sobre a construção da nação*, apresentada no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, em 1992, oferece alguns pormenores a essa discussão, sobre esse autor.

[83] FONSECA, Ana Marta Medeiros da. *Op. cit.*, p. 130.

Determinismo Biológico

> a capacidade intelectual é uma função de organização cerebral, sobre a qual nada pode a vontade, que por sua vez não é mais do que uma manifestação dessa mesma organização.[84]

A institucionalização e a legislação da diferença são o único caminho que Nina oferece para responder à dificuldade de construção de uma única identidade nacional.

> Posso iludir-me, mas estou profundamente convencido de que a adoção de um código único para toda a República foi um erro grave que atentou grandemente contra os princípios mais elementares da fisiologia humana.
>
> Pela acentuada diferença de sua climatização, pela conformação e aspecto físico do País, pela diversidade étnica da sua população, já tão pronunciada e que ameaça acentuar-se ainda, o Brasil deve ser dividido, para os efeitos da legislação penal, pelo menos nas suas quatro grandes divisões regionais que [...] são tão naturais e profundamente distintas.[85]

O que teria acontecido se a elite dirigente do País tivesse institucionalizado as diferenças, de acordo com as ideias de Nina Rodrigues? Talvez o Brasil tivesse construído uma espécie de *apartheid*, cuja dinâmica teria levado a consequências e resultados imprevisíveis.

As características raciais inatas afetam o comportamento social e deveriam, por isso, ser levadas em conta pelos legisladores e autoridades policiais. Consequentemente, aos negros e índios deveria ser atribuída uma responsabilidade penal atenuada e aplicado um código penal diferente daquele da raça branca superior. No entanto, ele reconhece que alguns indivíduos, poucos, possam constituir uma exceção, em especial os mestiços, apesar da potencialidade em regredir por causa do atavismo. Para não injustiçar os mestiços excepcionais do ponto de vista da responsabilidade penal, Nina vai operar uma classificação, dividindo todos os mestiços em três categorias: o mestiço tipo superior, inteiramente responsável; o mestiço degenerado, parcial e totalmente irresponsável;

---

[84] RODRIGUES, Raimundo Nina. *As raças humanas... Op. cit.*, p. 127.

[85] RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. cit.*, p. 166-167.

o mestiço instável, igual ao negro e ao índio, a quem se poderia atribuir apenas a responsabilidade atenuada.[86] Seu raciocínio não explica como e a partir de que critérios seria possível operar essa diferenciação e quem poderia fazê-la. Contrariando a maioria da elite, ele não vê no mestiço um caminho que levasse mais cedo ou mais tarde a um Brasil branco. A influência do negro, disse, há de construir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo; nada poderá deter a eliminação do sangue branco.[87] A miscigenação apenas atrasa o processo de enegrecimento da população, mas não o resolve. De certo modo, Nina vê na mestiçagem um produto e um resultado diametralmente oposto ao vislumbrado por Romero. Em vez do branqueamento, ele vê o enegrecimento.

> Não acredito na unidade ou quase unidade étnica, presente ou futura, da população brasileira, admitida pelo Dr. Sílvio Romero. Não acredito na futura extensão do mestiço luso-africano a todo o território do país, considero pouco provável que a raça branca consiga predominar o seu tipo em toda a população brasileira.[88]

Nina preocupa-se, sobretudo, com o norte do Brasil, onde o clima intertropical, inóspito aos brancos, impossibilitaria a sua adaptação e, consequentemente, a sua instalação naquela região. Em contrapartida, o processo de branqueamento triunfaria no sul do Brasil, de clima temperado. Baseado nesse determinismo climático, Nina temia a possibilidade de um Brasil racialmente dividido entre o sul branco e o norte mestiço. A barreira climática à expansão do branco em todo o território nacional, de um lado, e as vastas proporções da mestiçagem, de outro, acabarão, durante um longo tempo, por privar o País da liderança da raça branca, contrariamente aos Estados Unidos.[89]

Em *Os sertões* (1902), Euclides da Cunha retoma a questão da existência de um tipo étnico caracteristicamente brasileiro, que resultaria da convergência dos cruzamentos sucessivos dos três grupos raciais origi-

---

[86] RODRIGUES, Raimundo Nina. *Op. cit.*, p. 161, 169, 215-217.

[87] RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil.* 3. ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 28.

[88] RODRIGUES, Raimundo Nina. *As raças humanas... Op. cit.*, p. 126.

[89] RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil. Op. cit.*, p. 28.

nais.[90] Contrariamente a Sílvio Romero, que acredita na existência futura de um tipo racial nacional único, Euclides da Cunha pensa que existem vários tipos devido à heterogeneidade racial, aos cruzamentos, ao meio físico e à variedade de situações históricas. Para ele, o mestiço, traço de união entre raças, é quase sempre um desequilibrado, um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens e sem a atitude intelectual dos ancestrais superiores. Apesar da fecundidade, que por acaso possuía, o mestiço apresenta caso de hibridez moral extraordinária: espírito às vezes fulgurante, às vezes frágil, irrequieto e inconstante; seu vigor mental e sua capacidade de generalização e abstração repousam sobre uma moralidade rudimentar herdada do automatismo impulsivo das raças inferiores. Na luta sem trégua pela vida que envolve todos os povos e na qual a seleção natural conserva os mais aptos hereditariamente, o mestiço é um intruso. Surgiu de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de legados discordes. Sua instabilidade vem de sua tendência em regredir às matrizes originais.[91] Euclides retoma o tema do atavismo já presente no pensamento de Nina Rodrigues para explicar a instabilidade do mestiço, ou seja, a ideia de que a mestiçagem entre raças superiores e inferiores apaga as qualidades das primeiras e faz reaparecer as das últimas.

Canudos forma, segundo ele, uma comunidade homogênea e uniforme, biológica e culturalmente. Biologicamente, é uma raça resultante dos cruzamentos entre lusos e índios (os curibocas e cafuzos). Culturalmente, porque foi submetida às mesmas condições geográficas e históricas.

As fazendas de criação implantadas nos arredores atraíram estes tipos de mestiço, curibocas e cafuzos trigueiros divorciados inteiramente da colonização litorânea e que adquiriram uma fisionomia original.[92]

No pensamento de Euclides, o Brasil não pode ser considerado como um povo, uma nação, porque é etnologicamente indefinido por falta de tradições nacionais uniformes. Percebe-se que ele ficou também

[90] CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 14. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1938, p. 65-66.

[91] CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, p. 108.

[92] CUNHA, Euclides da. Apud FONSECA, Ana Maria Medeiros da. Op. cit., p. 47.

preso às doutrinas racistas de sua época na explicação do comportamento dos sertanejos que considera superiores aos mulatos mais degenerados. Embora simpatizasse com os insurgentes de Canudos e condenasse, no plano administrativo e militar, os tratamentos que lhes foram infligidos, em outro plano ele os condena, ao atribuir a rebelião, em grande parte, à instabilidade emocional e especialmente à personalidade atávica do líder Antônio Conselheiro.[93]

A miscigenação em grande escala constituía, para ele, o mais sério dos problemas que o Brasil enfrentava. Se a miscigenação originava a instabilidade, quanto tempo levar-se-ia para chegar ao equilíbrio? Ou não se poderia esperar isso nunca? E, nesse caso, qual seria o resultado final? Embora nunca tomasse posição, explicitamente, em favor da evolução biológica de todo o País, Euclides previa, implicitamente, a aparição eventual de um produto homogêneo, que seria alguma coisa mais próxima da mistura índio-branco. Colocava a interessante questão de saber se a provável integração étnica viria antes ou depois da integração social, ou se ambos os processos poderiam acontecer simultaneamente. No seu entender, esperar o mal-definido processo de amalgamação étnica para realizar a integração política e econômica teria sido desmoralizante. Pensava que, para realizar a provável integração étnica, o governo e a elite deveriam se empenhar no sentido de dirigi-la. A resposta a essa direção era a emigração europeia. Paralelamente a tal solução, Euclides pensava que os setores baixos e nativos, nos quais se encontrava a maior parte dos brasileiros não brancos, exigiam, política e economicamente, um tratamento diferente e que a reação de Canudos por ele pintada em *Os sertões* era uma advertência terrificante ao governo.[94]

Clóvis Moura teceu algumas críticas contra *Os sertões*, em especial no que diz respeito ao preconceito antinegrista de Euclides. Ele

> não podia aceitar de bom grado que aqueles sertanejos por ele idealizados, elevados à categoria de símbolos, que eram o cerne da nossa raça, tivessem recebido grande influência do sangue e das culturas

[93] CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. v. 2, p. 193-214.

[94] CUNHA, Euclides da. *Apud* SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*. *Op. cit.*, p. 126.

> negras. Essa influência negativa ficaria reservada aos "mestiços" neurastênicos do litoral, evidentemente os mulatos. Para ele, o elemento negro estancou nos vastos canaviais da Costa, agrilhoado à terra e determinado pelo cruzamento de todo o diverso que se fazia no recesso das capitanias.[95]

O negro era o componente de uma raça inferior. Na tríade da mestiçagem, o português, apesar de demonstrar que já era mestiço, não deixa de ser a raça superior, aristocrática. O próprio índio que ele ressaltava não tinha a capacidade de se afeiçoar às mais simples concepções de um mundo mental superior. Quanto ao africano, não há esforços que consigam aproximá-lo sequer do nível intelectual do indo-europeu. "No seu parêntese irritante não há lugar para o mestiço, aqui sinônimo de mulato. É um desequilibrado. De um desequilíbrio incurável, pois não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas."[96]

Do seu lado, Dante Moreira Leite, analisando a obra de Euclides da Cunha, levanta aparentes contradições a respeito de sua posição sobre a mestiçagem. Se o sertanejo é um forte no pensamento de Euclides, isso se explica porque, ao contrário do mestiço do litoral, ele já constitui uma raça autônoma e, além disso, não é obrigado a enfrentar uma civilização superior à sua capacidade. A contradição se refere a duas ideias aparentemente incompatíveis: o fato de o Brasil não ter unidade de raça e, depois, a ideia de que o sertanejo é a rocha viva da nacionalidade. Euclides supunha que o sertanejo constituía uma raça e, a partir dela, o Brasil poderia desenvolver uma nação autêntica. Visto desse ângulo, ele se opõe claramente a Sílvio Romero para, quem o brasileiro futuro resultaria do "branqueamento" da população. Para Euclides, o mestiço seria sempre um desequilibrado e só a raça sertaneja poderia constituir a raça brasileira. Enquanto Sílvio Romero imaginava a necessidade de sucessivas ondas de imigrantes – capazes de compensar a degeneração dos mestiços –, Euclides imaginava que o isolamento permitiu a formação de uma raça superior às encontradas no litoral.[97] Todos os ensaístas brasileiros da

---

[95] MOURA, Clóvis. *As injustiças de Clio*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990, p. 187.

[96] MOURA, Clóvis. *Op. cit.*, p. 188.

[97] LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 2. ed., São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1969, p. 208.

época, entre os quais Sílvio Romero e Euclides da Cunha, aderiram ao conceito de raças superiores e inferiores. Em ambos, o racismo foi mitigado pela ideia de miscigenação: em Sílvio Romero, haveria branqueamento da população, salvando-se da degeneração; em Euclides da Cunha, o mestiço do interior do Norte já estaria se constituindo em raça e, futuramente, seria capaz de desenvolvimento mental. Em ambos não seria errado falar em preconceito, principalmente contra o negro, mais nítido, talvez, em Euclides, pois este, ao falar no seu mestiço privilegiado do Sertão, considerava-o resultante de um cruzamento do branco com o índio, e não com o negro localizado no litoral.[98]

Na sua obra *O problema brasileiro*, Alberto Torres desloca diametralmente o eixo da discussão sobre a formação da nacionalidade e da identidade brasileiras. Para ele, a diversidade racial não constitui obstáculo à constituição da identidade do povo brasileiro.

> Nenhum dos povos contemporâneos é formado de uma raça homogênea e isto não lhe impediu de formar uma nação, moral, política e socialmente [...]. Se os indígenas, os africanos e seus descendentes não puderam "progredir e aperfeiçoar-se", isto não se deve a qualquer incapacidade inata, mas ao abandono "em vida selvagem ou miserável, sem progresso possível".[99]

O Brasil, como todos os países novos que nasceram do descobrimento e da colonização, comparativamente aos países e nações antigos, deveria construir artificialmente sua nacionalidade. Por isso, Torres destaca a importância do nacionalismo para um país jovem, que "jamais chegará à idade da vida dinâmica sem fazer-se 'nação', isto é, sem formar a base estática, o arcabouço anatômico, o corpo estrutural da sociedade política".[100] O grande problema nacional, segundo ele, não está na diversidade racial, mas sim na inadequação entre a realidade do país e as instituições tomadas de empréstimo das nações antigas, o que resulta na

---

[98] LEITE, Dante Moreira. *Op. cit.*, p. 215.

[99] TORRES, Alberto. Senso, consciência e caráter nacional. In: *O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização nacional*. 4. ed., Cia. Editora Nacional/UnB, Brasília, 1982, p. 28-29.

[100] TORRES, Alberto. *Apud* FONSECA, Ana Maria Medeiros da. *A organização nacional. Op. cit.*, p. 75.

alienação da realidade nacional. A nação, pensa ele, é feita de diversidades raciais e culturais, contrariamente à ideia da nação como conjunto de tradições comuns. E,

> para fazer do Brasil uma nação com semelhantes características, é necessário, em primeiro lugar, entender que nas sociedades formadas por várias raças a solidariedade política, jurídica e econômica envolve o interesse atual e futuro de todas as raças, num mesmo interesse e num mesmo compromisso de apoio mútuo [...] e que a forma destes interesses "comuns" *dos homens da mesma geração, e do sentimento de previdência, em prol das vindouras, resulta da consciência da nacionalidade.*[101]

Um dos caminhos reside naquilo que ele mesmo chamou de "educar o patriotismo" para criar artificialmente a nacionalidade.[102]

Os trabalhos recentes em antropologia e arqueologia (por ex., F. Boas e Ratzel) ajudaram Torres a rejeitar a doutrina racista e as ideias de desigualdade racial e da inferioridade étnica do Brasil. O problema do Brasil, segundo ele, podia ser explicado a partir da exploração do País por estrangeiros, cuja rapidez levava ao esgotamento dos recursos naturais a uma taxa alarmante, ao crescente controle dos setores dinâmicos da economia por capitalistas e estrangeiros e ao abandono sistemático da população nacional em favor de imigrantes estrangeiros que recebiam privilégios especiais.[103] A verdadeira raiz do problema nacional, na opinião dele, estava na alienação das elites da realidade nacional. Foi por isso que elas se tornaram presa fácil das teorias de degenerescência propagadas pelos racistas europeus. Torres teve a coragem de rejeitar a moldura determinística de referência, ajudando a exorcizar o espectro da inferioridade racial e abrindo caminho para novas indagações sobre o futuro da nacionalidade brasileira.[104]

Manuel Bonfim constitui, junto com Alberto Torres, voz discordante das doutrinas racistas em voga na sua época. Realizou uma análise cuidadosa das causas históricas para entender o atraso relativo do Brasil e da América Latina. Os problemas herdados da era colonial – a mentalidade

---

[101] TORRES, Alberto. *Op. cit.*, p. 109, 114, 123.

[102] FONSECA, Ana Maria Medeiros da. *Op. cit.*, p. 164.

[103] SKIDMORE, Thomas E. *Op. cit.*, p. 137.

[104] SKIDMORE, Thomas E. *Op. cit.*, p. 141.

de ficar rico depressa, a ausência de tradição científica ou empírica, combinadas com uma cultura hiperlegalista, o arraigado conservadorismo político e a ausência de organização social – figuram entre os elementos que explicariam esse atraso. Ou seja, a história e o caráter nacional examinados a partir do caráter ibérico, nos albores da colonização e, depois, no curso da própria colonização que, ao contrário da colonização inglesa na América do Norte, fora apenas predatória.[105]

Criticou a política populacional brasileira, por haver abandonado os ex-escravizados, depois da abolição, além de acusar os latino-americanos de copiarem indiscriminadamente instituições alienígenas, especialmente em política. Recomendava o aumento do ensino e a diversificação da economia como saída:

> A despeito de séculos de parasitismo, os latino-americanos poderiam ainda vencer o seu atraso. Seria preciso apenas corrigir, educar ou eliminar os elementos degenerados. A real inferioridade da América Latina estava na sua falta de habitação e de educação. Mas isso é curável, é facilmente curável... A necessidade imprescindível é atender-se à instrução popular, se a América Latina se quer salvar.[106]

No seu trabalho *The métis, or half-breeds, of Brazil*, apresentado no primeiro Congresso Universal de Raças, organizado na Universidade de Londres, de 26 a 29 de julho de 1911, João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional, considerava os mestiços obviamente inferiores aos negros como mão de obra agrícola e tendo pouca resistência às moléstias. Porém, física e intelectualmente, ele os considerava acima do nível dos negros. Rejeitando a teoria de que os fatores relativos à hibridação de animais podiam ser aplicados a seres humanos, ele pensava que o cruzamento de preto com branco não produz geralmente progenitura de qualidade intelectual inferior. Embora não fossem capazes de competir em outras qualidades com raças mais fortes de origem ariana e não tivessem instinto civilizador tão pronunciado quanto às raças brancas, nem por isso os mestiços devem ser colocados no nível das raças realmente inferiores.

---

[105] BONFIM, Manuel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro, s/d, p. 3, *apud* SKIDMORE, Thomas. *Op. cit.*, p. 135.

[106] SKIDMORE, Thomas E. *Op. cit.*, p. 135.

Para ilustrar essa posição intermediária dos mestiços, Lacerda invocava o grande papel que tiveram na história do Brasil, ascendendo aos altos cargos políticos e administrativos, quando o novo regime, isto é, a República, abriu as portas a todos os talentos. Além disso, os casamentos interraciais entre mulatos e brancos são mais tolerados em função dessa alta posição, levando ao esquecimento de sua origem negra por causa de sua aproximação das qualidades morais e intelectuais brancas. Já se viu no Brasil, afirmava João Batista Lacerda, filhos de mestiços apresentarem na terceira geração todos os caracteres físicos da raça branca. Alguns, admitia, retêm uns poucos traços de sua ascendência negra por influência do atavismo, mas as miscigenações removem dos descendentes dos mestiços os traços da raça negra... Em virtude desse processo de redução étnica, é lógico esperar que, no curso de mais um século, os mestiços desapareçam no Brasil. Isso coincidiria com a extinção paralela da raça negra em nosso meio[107]. Desde a abolição, os pretos tinham ficado expostos a toda espécie de agentes de destruição e sem recursos suficientes para se manter. Agora, espalhados pelos distritos de população mais rala, tendem a desaparecer de nosso território.[108]

Usando as estatísticas de Roquete Pinto, Lacerda faz uma projeção da composição racial da população brasileira até o ano 2012, na qual a população branca subiria a 80% no século intermediário, enquanto a negra cairia para zero e a mestiça estimada em 28%, em 1912, chegaria a 3%.[109]

O censo de 1940 confirmaria as projeções de Lacerda, ao apresentar uma população branca de 63% do total nacional.

A leitura de *Os sertões* teria influenciado profundamente Edgar Roquete Pinto na sua decisão de se tornar etnólogo. No entanto, ele conseguiu escapar dos fundamentos racistas da antropogeografia, ao contrário do seu influenciador, Euclides da Cunha.[110]

---

[107] LACERDA, João Batista. *Apud* Skidmore, Thomas E. *Op. cit.*, p. 83.

[108] LACERDA, João Batista. *Ibidem.*

[109] LACERDA, João Batista. *O congresso universal das raças reunido em Londres* (1911): Apreciação e comentário pelo Dr. J. B. Lacerda, delegado do Brasil nesse congresso. Rio de Janeiro, 1912, p. 85-102, *apud* Skidmore, Thomas. *Op. cit.*, p. 84.

[110] PINTO, E. Roquete. *O Brasil e a antropogeografia*. Rio de Janeiro, 1927, p. 45-79. *Apud* Skidmore, Thomas. *Op. cit.*, p. 205.

Lamentando a ignorância brutal na qual vivia mergulhado o negro brasileiro, diz que, se este tivesse recebido uma educação apropriada, seria capaz de grande progresso, como ocorreu nos Estados Unidos. Quanto ao processo do branqueamento da população negra, Pinto forneceu estatísticas nos idos de 1911 que o estimavam já em 50%. Aliás, foram essas estatísticas que João Batista Lacerda utilizou para se defender contra as críticas que o acusavam de falsear para menos o tempo que levaria o processo no Brasil. Mas, apesar de constatar o crescente processo de branqueamento da população brasileira, ele pensava que o problema nacional não era a diversidade racial. O problema, segundo ele, residia na educação de todos, claros e escuros.[111] Refutava a teoria da degenerescência dos mestiços que Euclides da Cunha havia retomado de Agassiz, considerando inferiores aqueles que, do seu ponto de vista, eram apenas atrasados, incapazes e ignorantes por falta da educação. O temor de que o Brasil jamais conseguisse uma unidade racial é uma falsa preocupação. Ele aderiu ao pensamento de Alberto Torres e Manuel Bonfim, que defendiam a tese de que a unidade nacional num novo país surgido da colonização era de natureza sociológica, ou seja, político-econômica e jamais racial.[112]

Roquette Pinto

O nome de Francisco José de Oliveira Viana talvez seja o mais referido nos debates sobre a ideologia do branqueamento da sociedade brasileira; não por ele ter inventado algo cuja paternidade pertence aos predecessores acima tratados, mas por ter sido o sistematizador e enfatizador de um complexo de ideias racistas que teriam sido superadas pelos progressos alcançados na antropologia de sua época (vide F. Boas). Dentro de sua obra considerável, são numerosos os títulos que trataram dessa questão:

> Populações meridionais do Brasil; Evolução do povo brasileiro; Recenseamento de 1920, o povo brasileiro e sua evolução; Raça e assimilação – O tipo étnico brasileiro e seus formadores; La Formation Ethnique du Brésil Colonial; Raça e seleções étnicas etc.

Segundo Viana, os mestiços são produtos históricos dos latifúndios e, portanto, uma força nova na história colonial. Neles nota-se a tendência

[111] SKIDMORE, Thomas E. *Op. cit.*, p. 206.

[112] SKIDMORE, Thomas E. *Op. cit.*, p. 207.

a expungir de si, por todos os meios, os sinais da sua bastardia originária. Mameluco se faz inimigo do índio, e o mulato desdenha e evita o negro. Ambos foram utilizados para combater e destruir os quilombos. Mameluco, capitão sanguinário e truculento a serviço dos bandeirantes, e o mulato, capitão do mato e terrível perseguidor dos escravos foragidos.[113] Essa tentativa do mestiço em ter uma posição específica na sociedade é provisória e ilusória, porque o branco superior, de classe alta, o repele. E como, por sua vez, ele foge dos negros e índios das classes inferiores, acaba numa situação social indefinida e torna-se um desclassificado permanente na sociedade colonial.

> Daí a sua psicologia estranha e paradoxal. Essa humilhação social, a que o meio submete, fere-o. Debaixo dessa ofensa constante, a sua irritabilidade se aviva, a sua sensibilidade se apura; crescem-lhe por igual a prevenção, a desconfiança, a animosidade, o rancor. Fica, a princípio, irritável, melindroso, susceptível. Torna-se, depois, arrogante, atrevido, insolente. Acaba agressivo, sarcástico, truculento, rebelde.[114]

Por outro lado, o mestiço, no domínio rural, tem uma vida folgada e divertida, porque não gosta do trabalho na lavoura. Para reforçar essa ideia, Viana lança mão da fala do Padre Antonil e do testemunho do viajante holandês Zacarias Wagner. O primeiro, repetindo o ditado da sociedade do seu tempo, escreveu que: "O Brasil é o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e mulatas". O segundo contou que "os mulatos nada fazem. Mimosos do tempo, vivem caçando passarinhos e comendo frutas selvagens [...] São, contudo, bons soldados e amam o serviço militar".[115]

> Por aí se vê que o mestiço é, na sociedade colonial, um nômade. Liberto do trabalho rural, egresso dos engenhos, mal fixo à terra, a sua instabilidade é evidente. É um desplantado, um deslocado, um infixo. Por isso, o seu nomadismo de caçador se transforma facilmente no

[113] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. São Paulo. Edições da Revista do Brasil – Monteiro Lobato e Cia. Editores. 1920, p. 69.

[114] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 69.

[115] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 70.

> nomadismo guerreiro do sertanista. Desde o primeiro século nós o vemos afluir, em tropel, ao grito da condenação, nos matulas dos caudilhos ou no corpo dos bandeiras.[116]

Apesar de ser o mestiço infixo e desocupado, o senhor rural tem interesse em conservá-lo, pois ele é quem garante a defesa dos seus domínios; ele forma os contingentes sertanistas; o batedor das bandeiras; o seu elemento combativo e guerreiro. No entanto, essa função protetora a ele atribuída não foi capaz de afastar os preconceitos negativos em seu detrimento. Ter a pele clara, provir do "sangue" europeu, não ter mescla com as raças "inferiores", principalmente a negra, constituía, segundo as ideias da época, o distintivo da nobreza, da superioridade social e moral.[117]

Refletindo sobre o comportamento dos mestiços na época colonial, aqui descritos por Viana, podemos especular que eles caíram numa armadilha ao buscar uma classificação social que os distinguisse dos negros e dos índios, como estariam hoje numa outra armadilha ao não assumir a identidade negra. Esse passado do comportamento do mestiço na era colonial, talvez fruto de uma política de dividir para melhor dominar, ofereceria os primeiros elementos explicativos da desconstrução da solidariedade entre negros e "mulatos" que repercute até hoje no processo de formação da identidade coletiva de ambos.

Esses preconceitos contra os mestiços não se limitaram ao discurso ideológico. Refletiram-se com nitidez na legislação e na organização administrativa da época. Na carta de lei de 1808, eles foram afastados da propriedade da terra. Havia batalhões especiais de pardos e justiça específica para pardos.[118]

Partindo da ideia de que, entre as numerosas nações negras trazidas ao Brasil, existiam enormes diversidades tanto somáticas como psicológicas, comparativamente aos brancos, Viana concluiu que o cruzamento entre os elementos dessas nações e os lusos deu também origem a uma variedade correspondente de mestiços, o que torna ab-

---

[116] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem.*

[117] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 103.

[118] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p.104.

surda a procura da unidade psicológica do mulato e a fixação de sua unidade antropológica.

> O mulato como um tipo único, tal como o branco, ou o negro, é uma pura abstração; não tem realidade objetiva [...]. Toda tentativa, que procure reduzir a incontrolável variedade de mulatos a um só tipo somático-psicológico, há de falhar forçosamente. Cada um desses mulatos reflete: em parte a índole do tipo negro, de que provêm; em parte a do luso; mas tudo subordinado à ação das seleções étnicas e dos atavismos, que variam ao infinito no produto as tendências hereditárias de cada elemento formador.[119]

Com base nessa formulação, Viana acredita na existência do mulato inferior e do superior. O primeiro, resultado do cruzamento do branco com o negro do tipo inferior, é um mulato incapaz de ascensão, degradado nas camadas mais baixas da sociedade. O segundo, produto do cruzamento entre branco e negro do tipo superior, é ariano pelo caráter e pela inteligência ou, pelo menos, é suscetível de arianização, outro modo capaz de colaborar com os brancos na organização e civilização do País. "São aqueles que em virtude de caldeamentos felizes mais se aproximam pela moralidade e pela cor do tipo da raça branca superior."[120] Eles tendem a subir, a insinuar-se e dissimular-se entre os brancos, aristocratizando-se. A fuga do seu meio nativo era o melhor e o mais rápido recurso para realizar esse objetivo. Por isso emigraram, engajaram-se nas bandeiras que lhes permitiram a posse da terra à qual não teriam acesso em seus meios originais.[121] Os casamentos ofereceram outro caminho de classificação dos mestiços "superiores". Mas isso só foi possível depois da Independência, com a fundação das academias, graças às quais eles conseguiram títulos de doutores que lhes permitiram vencer certas repugnâncias da classe branca.[122] Resumindo: Os mestiços "superiores" conseguiram, por meio do casamento e pela posse da terra nos novos núcleos, incorporar-se à classe superior, à nobreza territorial, usando a sua identificação com a aristocracia rural pela similitude de caráter, de conduta e, principalmente,

---

[119] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 106.

[120] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 106.

[121] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 107.

[122] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 108.

de cor. Os mestiços "inferiores", os menos dissimulados, os facilmente reconhecíveis, os estigmatizados, os cabras... esses foram implacavelmente eliminados.[123]

Do nosso ponto de vista, não resta dúvida de que esses mecanismos seletivos quebraram a unidade entre os próprios mulatos, dificultando a formação da identidade comum do seu bloco, já dividido entre os disfarçáveis (mais claros) e os indisfarçáveis (mais escuros) e o resto dos visivelmente negros.

Como Nina Rodrigues, Viana acredita no atavismo, ou seja, numa lei antropológica inevitável que faz com que os indivíduos resultantes da mestiçagem tendam a retomar as características físicas, morais e intelectuais das raças originais. Acrescente-se a essa lei o fato de que, nos cruzamentos entre as raças muito distintas, ilustrados pelas misturas entre brancos e negros, os retornos são, em regra, acompanhados de um caráter degenerescente. Em outras palavras, os mestiços de brancos e negros, os mulatos, tendem, na sua descendência, a voltar ao tipo inferior, aproximando-se dele mais e mais pela índole e pelo físico. Seu caráter nunca pode atingir a pureza e a integridade da raça primitiva a que regressam.[124]

> Tendo de harmonizar as duas tendências étnicas, que se colidem na sua natureza, acabam sempre por se revelar uns desorganizados morais, uns desarmônicos psíquicos, uns desequilibrados funcionais.[125]

Viana aproxima-se também de Euclides da Cunha quando diz que os nascidos do cruzamento com índio "parecem, pelo menos no físico, superiores aos mulatos: são rígidos e sólidos". A distância racial entre branco e índio é menor que a entre branco e negro. Acrescente-se à distância racial o fato dos mulatos resultarem de uma raça servil comparativamente aos mamelucos que não o são. Em consequência dessas diferenças, os mamelucos tiveram maior capacidade de ascensão que os mulatos na sociedade colonial. Por isso, na orgulhosa nobreza vicentina,

---

[123] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem.*

[124] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 109.

[125] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem.*

não foram raros os tipos confessadamente oriundos de mestiçagem entre os índios e brancos.[126]

Fica bastante difícil para nós entendermos como Viana conseguiu inventar indivíduos que, por mais miscigenados que fossem, tivessem mentalidades justapostas na cabeça, e essa justaposição se faz de acordo com a origem dos seus ancestrais. Também fica difícil entender como ele ignorou que o contexto colonial não podia favorecer as possibilidades de ascensão, cuja falta ele joga no negro, índio e mestiço. Em vez de criticar a situação colonial e o colonizador, que reprimiram as oportunidades de manifestação dessa vontade, ele encontra a explicação na psicologia da própria vítima.

Apesar de sua crença no atavismo e na degenerescência dos mestiços, em particular os mulatos, Viana aposta no processo de apuramento sucessivo, capaz de levar ao branqueamento da sociedade brasileira. Seu raciocínio é o seguinte: sob influência regressiva dos atavismos étnicos, uma parte dos mestiços (supostamente inferior) será eliminada pela degenerescência ou pela morte, pela miséria moral e física. Uma outra parte (supostamente superior), porém minoria, estará sujeita, em virtude de seleções favoráveis, a apuramentos sucessivos que a levarão, após quatro ou cinco gerações, a perder seus sangues inferiores e a clarificar-se cada vez mais. Mas, completa o autor: no passado colonial e, sobretudo, durante os séculos da escravidão, esse processo de clarificação, que ele chama "arianização", não podia se desenvolver por causa do afluxo incessante dos sangues negros e índios que o neutralizava no seio da massa mestiça e elevava o índice de "nigrescência" da sociedade brasileira dessa época.[127]

A ascensão dos mestiços superiores não pode ser explicada em função da afirmação de sua mentalidade mestiça ou dos característicos híbridos do seu tipo. Ao contrário, eles ascendem quando deixam de ser psicologicamente mestiços graças ao processo de arianização.[128]

> Os mestiços inferiores – os que, por virtude de regressões atávicas, não têm capacidade de ascensão, nem desejo de operar essa ascensão – estes, sim, é que ficam dentro do seu tipo miscigenado. Na composição do nosso caráter coletivo entram, mas apenas como força

[126] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem.*

[127] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 112-113.

[128] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 114.

> repulsiva e perturbadora. Nunca, porém, como força aplicada a uma função superior: como elemento de síntese, coordenação, direção.[129]

A amoralidade constitutiva torna os mestiços inferiores inaptos às atitudes que exigem disciplina e continuidade. No plano moral, intelectual, legal, político, econômico e social, eles serão sempre, por exigência da própria fisiologia, uns excessivos, uns instáveis, uns irregulares, uns descontínuos, uns subversivos.

> Por isso, a anarquia é para ele a verdadeira liberdade. Sempre o vemos amotinado contra o poder: do lado dos liberais, se estão no poder os conservadores; ao lado dos conservadores, se estão no poder os liberais. O poder que impõe, que ordena, que disciplina, que coage, que restringe, que encarcera, é que é o seu grande inimigo. Pela indisciplina fundamental de seu temperamento, nessa força de coação e de ordem, ele vê, antes de tudo, um aparelho que importuna e molesta. Daí essas atitudes de rebeldia e insurgência, em que dá desafogo aos seus instintos explosivos, contidos e reprimidos pela vigilância policial e pela ação das leis.[130]

Na nossa interpretação de Viana, todos os mestiços "superiores" e "inferiores", de acordo com sua classificação, são definidos a partir de características físicas aparentes (o fenótipo) do que pelo genótipo. Ou seja, as qualidades morais e intelectuais dos mestiços são definidas por sua aparência física mais ou menos negroide, mais ou menos caucasoide, isto é, a partir de seu grau de arianização. Visto por esse ângulo, Viana é um dos grandes protagonistas da construção da ideologia racial brasileira, caracterizada pelo ideal do branqueamento que Oracy Nogueira teve mais tarde o mérito de configurar como preconceito de "marca" ou de "cor" em oposição ao preconceito de "origem", baseado numa gota de sangue, vigente nos Estados Unidos.

Ao seu arcabouço ideológico centrado no branqueamento, Viana acrescenta uma nova dimensão não menos importante: a igualdade e a harmonia existentes entre todos os segmentos étnico-raciais da sociedade brasileira. Desse modo, política, social e economicamente, a diversidade racial no Brasil não coloca nenhum problema, comparativamente aos povos da Europa e da América do Norte.

---

[129] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem*.

[130] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 192-193.

> Em nenhum país do mundo coexistem uma tamanha harmonia e tão profundo espírito de igualdade entre os representantes de raças tão distintas. Homens de raça branca, homens de raça vermelha, homens de raça negra, homens mestiços dessas três raças, todos têm aqui as mesmas oportunidades econômicas, as mesmas oportunidades sociais, as mesmas oportunidades políticas. Está, por exemplo, ao alcance de todos a propriedade da terra. Franqueados a todos os vários campos de trabalho, desde a lavra da terra às mais altas profissões.[131]

Se a diversidade racial brasileira não cria nenhum problema do ponto de vista político, graças à igualdade de oportunidades entre todos no plano socioeconômico, diz Viana, surgem gravíssimos problemas do ponto de vista antropológico e psicológico, devido às diferenças inconfundíveis entre as três raças. Daí a dificuldade de fixar um tipo racial nacional por causa da mestiçagem que, indefinidamente, produz tipos diversos, agravando a situação do ponto de vista psicológico, pois aos tipos antropológicos diversos correspondem também tipos psicológicos infinitamente distintos. Reconhece, portanto, a existência dos problemas sociais oriundos dessa diversidade de tipos étnicos e psicológicos. Mas ele explica esses problemas com base na diferença do eugenismo entre as três raças e, consequentemente, na potencialidade ascensional de cada uma delas, o que é uma visão darwinista-social e uma legitimização das desigualdades que ele nega no plano político. Defende claramente a ideia de "democracia racial", rechaçando no plano biológico fatos e acontecimentos indubitavelmente de ordem sociológica.

Se Viana reconhece que o Brasil é constituído de diversidade antropológica, por que a sua preocupação com a busca de um tipo nacional representativo? Torna-se claro, através de suas "elucubrações", que o mestiço por ele tão negativamente pintado representa apenas uma fase transitória no caminho da "arianização", da qual nascerá um tipo étnico único, representativo do futuro povo brasileiro. Isso explica por que, depois de insistir sobre a impossibilidade do tipo antropológico único, ele entra em contradição ao afirmar que a diversidade tende a reduzir-se lentamente.

---

[131] VIANA, Francisco José de Oliveira. O typo brasileiro. Seus elementos formadores. In: *Diccionário histórico, geográfico e etnológico do Brasil* – V. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922, p. 277-290.

> Essa diversidade somatológica do nosso povo, tão pronunciada no passado e no presente, tende, entretanto, a reduzir-se lentamente, sob a ação de vários fatores seletivos: tudo parece indicar que o futuro tipo antropológico brasileiro será o ariano modelado pelos trópicos, isto é, o ariano vestido com aquilo que alguém chamou a "libré" do clima.[132]

O brasileiro futuro não deixará de ser um homem moreno, por maior que seja o grau de arianização da população. Viana explica a resistência do melanismo, que caracterizará esse futuro brasileiro, não somente pela influência da raça negra no processo de miscigenação, mas também pela presença desse elemento no imigrante europeu não germânico e pela atuação do clima tropical que, por sua vez, contribui para intensificar cada vez mais esse melanismo fundamental.[133]

Para sustentar sua crença na futura arianização do Brasil, Viana vai recorrer constantemente às estatísticas dos recenseamentos da população devidamente selecionadas. Da interpretação tendenciosa dessas estatísticas, ele chega à conclusão de que, em 20 anos (de 1872 a 1890), a população branca havia duplicado seu número, passando de 3.818.403 a 6.302.198, enquanto os mestiços tiveram um crescimento relativamente pequeno, variando entre 3.833.015 e 4.638.495, e que o negro, oscilando entre 1.970.509 e 2.097.427, quase não se desenvolveu.[134] Como explicação dessa superioridade demográfica do contingente branco, que no século XVII representava quase a metade da população negra, Viana evoca a alta fecundidade da raça branca no meio tropical, estimada, segundo seu cálculo, em 1,27% em relação ao índice inferior, 1%, apresentado pelos negros, índios e mestiços.

> Esses dados nos deixam perfeitamente tranquilos sobre o futuro da nossa evolução étnica e nos permitem ouvir, sem espanto, mesmo até, ao contrário, com um certo bom humor, aquela previsão sombria de Lapouge: "*Le Brésil constituera sans doute d'ici un siècle un imense état nègre, à moins qu'il ne retourne, et c'est probable, à la barbarie...*".[135]

---

[132] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem, op. cit.*, p. 281.

[133] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem.*

[134] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem.*

[135] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 283.

Viana não explica sociologicamente porque a população negra, índia e mestiça decresce. Sua leitura das estatísticas demográficas é ideológica e politicamente orientada, pois está mais preocupado em ver o futuro Brasil branco do que em explicar sociologicamente os fatos. As condições de vida dos escravizados e de seus descendentes, o fim do tráfico negreiro e a imigração europeia em massa são curiosamente transformados por ele em superioridade natural da fecundidade da raça branca e em sua maior capacidade de sobrevivência na luta pela vida. O darwinismo social domina seu pensamento.

Criticando o pessimismo de Lapouge e de Le Bon, que previam uma involução africanizante da população brasileira, Viana vê os mecanismos corretivos do futuro na ação insuperável das seleções étnicas com a entrada anual de 100 mil imigrantes do melhor sangue ariano, além da alta fecundidade da população branca nativa. Essas seleções étnicas iriam aumentar cada vez mais o coeficiente do sangue ariano na massa mestiça.[136]

Recorrendo sempre aos dados demográficos para apoiar sua tese, Viana lança mão do quadro referente ao número de casamentos em 1918 e 1920 para demonstrar o rápido caldeamento dos novos colonos com a primitiva população local.[137]

Nacionalidade	**1918**	**1920**
alemão + alemã	22	29
alemão + brasileira	63	91
italiano + italiana	38	60
italiano + brasileira	138	167
espanhol + espanhola	4	7
espanhol + brasileira	38	59
português + portuguesa	9	12
português + brasileira	108	97

[136] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem.*

[137] Fonte: Arthur Candal. *Relatório da Repartição Estatística do Rio Grande do Sul, 1919-1921, apud* VIANA, F. J. de Oliveira. *Op. cit.*, p. 283.

De acordo com esses dados estatísticos, o autor conclui que a porcentagem de sangue ariano estava aumentando rapidamente sobre o tipo antropológico dos mestiços, no sentido de modelá-la pelo tipo de homem branco.[138] Quanto maior, diz o autor, for a dose de sangue ariano nos mestiços, mais rápido estes tenderão a revestir-se dos atributos somáticos do homem branco. Os dados da tabela abaixo reforçam sua crença na progressiva organização do povo brasileiro. Com efeito, em menos de 20 anos, houve um rápido decréscimo da população negra que, em 1872, constituía 19,7% da população total e passou, em 1890, a representar apenas 14,6%, e a redução sensível da população mestiça, que passou, durante o mesmo tempo, de 38,3% a 32,4% contra um crescimento da população branca, de 38,1% a 44%.[139]

Anos	Brancos %	Negros %	Índios %	Mestiços %
1872	38,1	19,7	3,9	38,3
1890	44,0	14,6	9,0	32,4

Constata-se que o caçador de estatísticas demográficas explica o crescimento da população branca recorrendo apenas à injeção do sangue "ariano" e deixando de considerar, além do intenso fluxo migratório europeu na época, o fim do tráfico negreiro desde 1850, a alta mortalidade da população negra, devido às adversas condições de vida e a eliminação do índio pelas doenças europeias, álcool e arma de fogo. A nosso ver, o decréscimo do número de negros e índios pelos motivos lembrados e o aumento de brancos pelas correntes migratórias provocaram a diminuição do coeficiente do mestiço, nessa época, por causa do desequilíbrio demográfico entre parceiros sexuais nas três raças e, consequentemente, o aumento de mulheres entre os brancos, contrário à situação antes das grandes imigrações europeias.

No espírito de Viana, o Brasil todo é um "*melting-pot*", embora o caldeamento no Sul do País fosse feito apenas entre os tipos raciais do grupo caucásico, diferentemente do Norte e Centro, onde as três raças

[138] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Ibidem.*

[139] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 284.

se misturaram.[140] Depois da 3ª ou 4ª geração, o branco puro não existiria mais, ou seja, o Brasil se tornaria depois deste tempo um país de mestiços genotipicamente.

> Realmente, somos uma nacionalidade, para cuja formação o índio e o negro entraram em contribuição copiosíssima, em que a comistão destas raças com o ariano se operou e se opera intensamente; em que o branco luta sem êxito para manter a sua pureza étnica; em que depois da 3ª ou 4ª geração já se vai tornando difícil encontrar descendente de imigrante ariano que não esteja "iscado" de sangue negro ou indígena.[141]

Apesar de o Brasil ser genotipicamente mestiço, Viana confirma que o preconceito da mestiçagem é ainda forte, devido, no meu entender, à ideologia racial da superioridade branca que ele mesmo ajudou a construir.

> Pois bem: neste povo assim mesclado, é ainda grande o preconceito da mestiçagem. Os mestiços arianos, já favorecidos por dosagens altas de sangue caucásico, evitam passar por tais – e inscrevem-se bravamente na classe dos brancos, dissimulando-se na roupagem eufemista dos "morenos". Na classe dos mestiços só ficam realmente os pardos e os caboclos característicos; ainda assim quando fazem parte de plebe repululante dos jecas inumeráveis que puxam a enxada ou fazem trabalhos servis; porque, se acontece serem "coronéis" ou "doutores" – o que não é raro – para estes não há como cogitar de "mulatismo" e "caboclismo": eles não são senão "morenos".[142]

O que importa para as conclusões sociológicas, disse Viana, não é tanto determinar o tipo puro (genótipo), mas sim o tipo aparente (fenótipo). Com efeito, têm-se duas espécies de brancos: o branco puro (genótipo) e o branco aparente (fenótipo), isto é, o mestiço brancoide, de aspecto ariano (fenótipo). O mesmo se dirá do negro e do índio, distinguindo o negro puro do mulato negroide e o índio puro do mameluco indioide. Em antropologia física, estes dois tipos – puro e aparente – são biologicamente

---

[140] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Raça e assimilação.* Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1938, 3. ed. aumentada, p. 98-99.

[141] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 230.

[142] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 231.

distintos, mas, em antropologia social, eles se equivalem. De outro modo, branco ou mulato brancoide, branco ou mameluco brancoide, negro ou mulato negroide, índio ou mameluco indioide são socialmente análogos. Isto é, o comportamento deles perante a sociedade é, em geral, idêntico, como idêntico é o comportamento da sociedade para com eles.[143]

O conceito de racismo de "marca", mais tarde elaborado por Oracy Nogueira para distinguir o Brasil dos Estados Unidos, já estava em filigrana presente no pensamento de Viana, através dos conceitos de branco "puro" e "aparente", negro "puro" e "aparente", sobretudo na ideia de que, socialmente, o branco puro e o branco aparente são igualmente tratados no Brasil.

Os mamelucos superiores tiveram uma ascensão mais fácil e segura na sociedade colonial do que os mulatos superiores. Viana explica essa diferença pela dupla superioridade dos mamelucos: não descendem de raça escrava e aproximam-se mais do tipo somático do homem branco não só pela pigmentação, mas também pelos cabelos nitidamente negros e corredios. Ora, vulgarmente, os cabelos lisos e a tez clara constituem sinais indicativos da raça pura.[144] Temos aqui uma aproximação sem equívoco entre Viana e Euclides da Cunha, que também considerou os mamelucos superiores aos mulatos pelos mesmos motivos. Ambos fizeram do servilismo um traço genético hereditário e fingiram ignorar que os índios também foram escravizados durante a escravidão negra. Mas não é por causa da cor e do cabelo que falta eugenismo aos mulatos; ao contrário, a porcentagem dos mulatos eugênicos foi até superior à dos mamelucos. Porém, segundo Viana, nos mamelucos havia talvez mais solidez de estrutura moral e equilíbrio de caráter do que entre os mulatos, nos quais havia mais brilho de inteligência e de vivacidade mental. Por isso, os mulatos destacam-se nas profissões que exigem mais as qualidades de inteligência do que as de caráter.[145]

Os elementos bárbaros do povo brasileiro estavam sendo rapidamente reduzidos pela situação estacionária da população negra, aumento contínuo dos afluxos arianos e seleções favoráveis que asseguram ao

[143] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 233.

[144] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Evolução do povo brasileiro*. 4. ed., Rio de Janeiro, Livraria Olympio Editora, 1956, p. 160.

[145] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 162.

homem branco condições de vitalidade e fecundidade superiores aos homens das outras raças. Esse movimento de arianização, porém, não se limitou apenas ao aumento numérico da população branca pura, pois as seleções étnicas estavam operando, no seio da massa mestiça ao Sul e ao Norte, a redução do coeficiente dos sangues inferiores. De outro modo, entre os mestiços, a qualidade do sangue branco crescia cada vez mais, no sentido de um refinamento mais apurado da raça.[146]

O que se acabou de dizer fixa de uma vez por todas o sentido no qual Viana emprega o conceito de arianização: de um lado, o aumento numérico da população branca "pura" pelo movimento imigratório europeu, e de outro, o refinamento cada vez mais apurado da população brasileira pelo processo de mestiçagem, que iria reduzir o coeficiente dos sangues negro e índio. Essa colocação deixa mais nítida e precisa a ideia do branqueamento da população brasileira. O raciocínio do autor leva a crer que o processo de arianização ia, a longo prazo, terminar aparentemente no embranquecimento da população e, consequentemente, numa situação em que não existisse mais a linha de cor, pelo menos para os brancos aparentes que genotipicamente são mestiços.

Fazendo alusão à situação do negro e às relações raciais nos Estados Unidos, Viana assegura:

> Não há perigo de que o problema negro venha a surgir no Brasil. Antes que pudesse surgir seria logo resolvido pelo amor. A miscigenação roubou o elemento negro de sua importância numérica, diluindo-o na população branca. Aqui o mulato, a começar da segunda geração, quer ser branco, e o homem branco (com rara exceção) acolhe-o, estima-o e aceita-o no seu meio. Como nos asseguram os etnólogos, e como pode ser confirmado à primeira vista, a mistura de raças é facilitada pela prevalência do "elemento superior". Por isso mesmo, mais cedo ou mais tarde, ela vai eliminar a raça negra daqui. É "óbvio que isso já começou a ocorrer. Quando a imigração, que julgo ser a primeira necessidade do Brasil, aumentar, irá, pela inevitável mistura, acelerar o processo de seleção".[147]

Essa citação, que fala por si, dispensaria numerosos comentários sobre o papel da mestiçagem na des-construção da identidade negra.

---

[146] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Op. cit.*, p. 183.

[147] VIANA, Francisco José de Oliveira. *Apud* SKIDMORE, Thomas E. *Op. cit.*, p. 90.

A elite "pensante" do País tinha clara consciência de que o processo de miscigenação, ao anular a superioridade numérica do negro e ao alienar seus descendentes mestiços graças à ideologia de branqueamento, ia evitar os prováveis conflitos raciais conhecidos em outros países, de um lado, e, por outro, garantir o comando do País ao segmento branco, evitando a sua "haitinização".

Em 1930, opera-se no Brasil uma evolução que buscava novos caminhos na orientação política do País, tendo como preocupação principal o desenvolvimento social. Uma tal orientação não podia mais se adequar às teorias raciológicas do fim do século XIX, tornadas obsoletas.[148]

Foi então que o sociólogo Gilberto Freyre fez seu aparecimento no cenário para atender a essa nova demanda. Ele retoma a temática racial até então considerada não apenas como chave para a compreensão do Brasil, mas também para toda a discussão em torno da questão da identidade nacional. Porém, ele desloca o eixo da discussão, operando a passagem do conceito de "raça" ao conceito de cultura. Como escreve Renato Ortiz, essa passagem permite um maior distanciamento entre o biológico e o cultural, bem como elimina uma série de dificuldades colocadas anteriormente a respeito da herança atávica do mestiço.[149]

No clássico Casa grande e senzala, Gilberto Freyre narra uma história social do mundo agrário e escravista do nordeste brasileiro nos séculos XVI e XVII. No quadro de uma economia latifundiária baseada na monocultura da cana-de-açúcar, nota-se um desequilíbrio entre sexos caracterizado pela escassez de mulheres brancas. Daí a necessidade de aproximação sexual entre escravas negras e índias com os senhores brancos; aproximação que, apesar da assimetria e da relação de poder entre senhores e escravos, não impediu a criação de uma zona de confraternização entre ambos. Essa aproximação foi possível, segundo Freyre, graças à flexibilidade natural do português. Assim, explica-se a origem histórica da miscigenação que veio diminuir a distância entre a casa grande e a senzala, contrariando a aristocratização resultante da monocultura latifundiária e escravocrata.

---

[148] ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 4. ed., São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 40-41.

[149] ORTIZ, Renato. *Op. cit., ibidem.*

Do ponto de vista de Gilberto Freyre, a família patriarcal do nordeste do Brasil era o grande fator da colonização e o princípio único da autoridade, obediência e coesão. Vista por este ângulo, essa família podia integrar harmoniosamente a sociedade brasileira, pondo, assim, fim à persistente angústia da heterogeneidade racial, e ainda oferecer o alívio da democracia racial.[150]

A grande contribuição de Freyre é ter mostrado que negros, índios e mestiços tiveram contribuições positivas na cultura brasileira: influenciaram profundamente o estilo de vida da classe senhorial em matéria de comida, indumentária e sexo. A mestiçagem, que no pensamento de Nina e de outros causava dano irreparável ao Brasil, era vista por ele como uma vantagem imensa. Em outras palavras, ao transformar a mestiçagem num valor positivo e não negativo sob o aspecto de degenerescência, o autor de Casa grande e senzala permitiu completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada. Freyre consolida o mito originário da sociedade brasileira configurada num triângulo cujos vértices são as raças negra, branca e índia. Foi assim que surgiram as misturas. As três raças trouxeram também suas heranças culturais paralelamente aos cruzamentos raciais, o que deu origem a uma outra mestiçagem no campo cultural. Da ideia dessa dupla mistura, brotou lentamente o mito de democracia racial: "somos uma democracia porque a mistura gerou um povo sem barreira, sem preconceito".[151]

O mito de democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para

[150] FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*, 8. ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, v. I, 1954, p. 22.

[151] ORTIZ, Renato. *Op. cit.*, p. 41.

a construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são "expropriadas", "dominadas" e "convertidas" em símbolos nacionais pelas elites dirigentes.[152]

Parafraseando Renato Ortiz, os elementos da mestiçagem contêm justamente os traços que naturalmente definem a identidade brasileira: unidade na diversidade [...] A ideologia do sincretismo exprime um universo isento de contradições, uma vez que a síntese oriunda do contato cultural transcende as divergências reais que porventura possam existir.[153]

Freyre não privilegia na sua análise o contexto histórico das relações assimétricas do poder entre senhores e escravos, do qual surgiram os primeiros mestiços. Sua análise, como escreve Thomas Skidmore, servia, principalmente, para reforçar o ideal de branqueamento, mostrando de maneira vívida que a elite (primitivamente branca) adquirira preciosos traços culturais do íntimo contato com o africano (e com o índio, em menor escala).[154] Ao mesmo tempo que defendia a cultura negra como elemento básico da formação nacional brasileira, ele preconizava um universalismo ambíguo, temperado pelo conceito de meia-raça.[155] Ao valorizar a dissolução das diferenças, em síntese, Freyre postulava novas expressões e formas cuja principal resultante iria melhor caracterizar o pertencimento ao mundo ocidental. Mas sem acesso ao poder e aos órgãos de informação e a despeito das diferentes formas de resistência, a população negra não tinha outra alternativa senão dobrar-se às exigências da mistura que supunha o abandono das tradições e pertencimento de origem para poder progredir.[156]

---

[152] GNACCARINI, J. César A.; QUEIROZ, Renato da Silva. Problèmes ethniques d'un pays multiracial. In: *Passarelles* (5), p. 55.

[153] ORTIZ, Renato. *Op. cit.*, p. 93-95.

[154] SKIDMORE, Thomas E. *Op. cit.*, p. 208.

[155] FREYRE, Gilberto. L'expérience afro-brésilienne. In: *Courrier de L'UNESCO*. Paris, 1977, août-septembre, *apud* Jacques d'Adesky. Pluralismo étnico e multiculturalismo – realismo e anti-racismo no Brasil. Tese de doutorado, FFLCH/USP, 1996, p. 70-71.

[156] D'ADESKY, Jaques. *Op. cit.*, p. 71.

Ambiguidade de raça/classe e a mestiçagem como mecanismos de aniquilação da identidade negra e afro-brasileira

No seu livro *Nem preto nem branco*, Carl Degler diz que as relações sexuais não produzem necessariamente um abrandamento da atitude de animosidade racial, mas podem fazê-lo, principalmente, quando homens brancos se "casam" com mulheres negras, como ocorreu no Brasil, ou quando estabelecem laços menos formais, mas não menos afetivos. Em tais circunstâncias, os homens brancos passam a ver os negros como menos diferentes e estranhos, uma percepção, aliás, que não é apenas dos homens que casam ou se amancebam com as mulheres negras. Outros brancos não podem deixar de se influenciar, de modo positivo, vendo e tendo conhecimento de que mulheres negras são esposas ou amantes de homens brancos. Assim, a ampla mestiçagem contribui muito na evolução das atitudes raciais no Brasil.[157]

Entretanto, no cômputo geral, parece que os filhos é que exerceram influência principal. Não era desconhecido, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, o descuido dos homens brancos com o fruto de seus encontros sexuais com mulheres escravas. Luís Gama, o abolicionista brasileiro, foi vendido como escravo por seu pai branco; sem dúvida, muitos outros exemplos semelhantes podem ser encontrados na história da escravidão dos Estados Unidos. O fato de haver mais mulatos livres que pretos significa que os senhores brancos se preocuparam suficientemente com seus filhos para libertá-los. No Mississipi, em 1860,

[157] DEGLER, Carl. *Nem preto nem branco*. Rio de Janeiro, Editora Labor do Brasil S/A, 1976, 240p.

por exemplo, 77% dos negros livres eram mestiços, enquanto apenas 8% dos escravos eram mulatos. Quadro semelhante é delineado em Louisiana, à mesma época. Aparentemente, ocorria a mesma proporção elevada de mulatos entre os negros livres no Brasil. Por exemplo, em Itapetininga, no Estado de São Paulo, apenas 4% dos mulatos eram escravos contra 95% de pretos, em 1799. Os cálculos feitos por Herbert Klein, a partir de diversos censos locais em cinco províncias brasileiras no século XIX, mostraram que os mulatos totalizavam mais de 76% dos homens livres e menos de 20% dos escravos em quatro províncias e apenas 26% na quinta. Em 1872, os mulatos constituíam 32% dos escravos e 78% dos homens livres em todo o Brasil.[158]

Em nenhuma das duas sociedades (Brasil e Estados Unidos), portanto, era fora do comum ou pouco natural que o homem branco demonstrasse alguma preocupação com o filho de cor. A diferença é que no Brasil, em função da mestiçagem mais ampla, essa preocupação tinha um campo maior no qual se expressar. O casamento, e ainda mais o concubinato do proprietário de terras e mulheres negras e mulatas, dizia um relatório de Minas Gerais em 1805, tornou livre um terço da população, sem fornecer meios para sua manutenção, sem ensinar-lhe bons hábitos, e eles têm a ideia louca de que pessoas livres não precisam trabalhar.[159] Poucos homens brancos, pais de mulatos nos Estados Unidos, reconheciam os filhos tão abertamente como no Brasil.[160]

Os mestiços libertos eram, na sua maioria, filhos dos senhores, donos de terras e de fazendas no âmbito da família patriarcal do Nordeste brasileiro descrita por Gilberto Freyre. Isso supõe, no nosso entender, que os pais tinham uma posição de poder e de influência na sociedade para interferir em benefício dos filhos, embora esses tivessem um *status* inferior em relação aos filhos brancos. Mas o fato de os mulatos se beneficiarem de um tratamento diferenciado por serem filhos dos senhores brancos e de numerosos deles entrarem na categoria de libertos deve

[158] NOGUEIRA, Oracy. Relações raciais no município de Itapetininga. *In*: BASTIDE, Roger. *Relações raciais*, p. 390, *apud* Degler. *Op. cit.*, p. 241.

[159] FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. *Op. cit.*, p. 710.

[160] DEGLER, Carl. *Op. cit.*, p. 241.

também ter contribuído para o enfraquecimento do sentimento de solidariedade entre eles e os negros.

A partir dessas observações, Carl Degler concluiu que a diferença das relações raciais entre o Brasil e os Estados Unidos está no papel atribuído ao mulato. O fato de aceitar o branqueamento, o que é uma maneira de dizer que o mulato tem lugar especial na sociedade, tem como consequência a redução do descontentamento entre as raças. Assim, no Brasil, o negro pode esperar que seus filhos sejam capazes de furar as barreiras que o mantiveram para trás, caso eles se casem com gente mais clara. Tal possibilidade atua como uma válvula de segurança sobre o descontentamento e frustração entre os negros e mulatos, razão pela qual, disse Degler, os negros no Brasil não foram levados a formar organizações de protestos, como nos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos, a ideologia racial foi conduzida de maneira a não conceder nenhum lugar a uma pessoa intermediária no esquema biológico. Ou bem uma pessoa era negra ou branca. Uma vez operada essa polarização, deu-se início a uma defesa racional da escravidão, com base na inferioridade racial do negro, livre ou escravo. Diz Degler que no Brasil não houve compulsão ideológica para uma divisão entre escravidão e liberdade. À ideologia política brasileira faltou ênfase sobre o individual e a definição de liberdade absoluta. Em tal esquema havia lugar para o branco, o preto e o pardo, para o livre, o meio livre e o escravo.[161]

> Havendo lugar para o mulato, não parece haver necessidade de ajuda para os negros como grupo. A história e a profunda virulência do racismo norte-americano soldaram os negros em uma força racial efetiva, enquanto que a ambiguidade da linha cor/classe no Brasil deixou os negros sem coesão ou líderes.[162]

Dada a definição do negro, a miscigenação não podia oferecer solução nos Estados Unidos, pois os casamentos inter-raciais só aumentariam o seu número.[163]

---

[161] OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. O mulato, um obstáculo epistemológico. In: *ARGUMENTO*. Rio de Janeiro, 1974, p. 65-73.

[162] OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. *Op. cit.*, p. 68.

[163] OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. *Op. cit.*, *idem*.

Por sua vez, Marvin Harris pensa que a formação do grupo de mestiços livres no Brasil se deve ao fato de que os senhores de escravos não tinham outra alternativa para executar funções econômicas e militares, senão criar uma classe livre de mestiços.

> Os senhores de escravos foram obrigados a criar grupos intermediários livres de mestiços para ficarem entre eles e os escravos, pois havia certas funções econômicas essenciais para as quais não havia brancos disponíveis.[164]

Nos Estados Unidos, a regra de hipodescendência, mediante a qual os mestiços são classificados como negros, teria se originado porque a entrada de africanos e a emergência de um grupo de mulatos só ocorreram após o estabelecimento de uma numerosa classe intermediária de brancos, não deixando, assim, lugar para um grupo de pessoas de cor livres.[165]

A explicação de Marvin Harris para o nascimento de uma classe intermediária de mestiços livres no Brasil é de ordem demográfica, porque não havia brancos o suficiente para ocupar essa posição, da mesma maneira que o desequilíbrio demográfico entre sexos no seio do grupo escravista explica historicamente a intensidade da miscigenação no Brasil. Mas, essa explicação não parece suficiente, pois, no Brasil como nos Estados Unidos, os mestiços constituíram o contingente mais numeroso de homens livres comparativamente aos negros. Ora, essa classe intermediária de mestiços não era necessária nos Estados Unidos para executar funções econômicas e militares. Talvez seja plausível conjugar o fator econômico com o afetivo, que fez com que o pai branco, nos dois países, conforme Carl Degler, apesar de certos descuidos, se preocupasse, em alguns momentos, com seus filhos mestiços, procurando, inclusive, torná-los livres do sistema servil. O elemento central para distinguir o modelo americano das relações raciais do modelo brasileiro está, segundo Degler, na origem do mulato como um tipo socialmente aceito no Brasil.

---

[164] HARRIS, Marvin. *Padrões raciais nas Américas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, p. 117.

[165] SILVA, Nelson do Valle e HASENBALG, Carlos. *Relações raciais no Brasil*: Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1992, p. 68.

Numa linha de pensamento quase convergente, Oracy Nogueira opera uma grande distinção entre os Estados Unidos e o Brasil, baseada na existência, no primeiro caso, de uma linha de cor que separa brancos e não brancos e, no segundo caso, de uma zona intermediária, fluida, vaga, que flutua até certo ponto ao sabor do observador ou das circunstâncias. No último caso, os mestiços com traços negroides disfarçáveis, principalmente quando portadores de atributos que implicam *status* médio ou elevado (diploma de curso superior, riqueza e outros), podem ser incorporados no grupo branco.[166]

Um negro bem-sucedido que casa com uma branca terá descendentes, após três ou quatro gerações, integrados no grupo branco. Os sucessivos cruzamentos conjugados com o *status* socioeconômico levam progressivamente ao branqueamento. Nos Estados Unidos, tanto a mestiçagem como o *status* socioeconômico não participam do processo do branqueamento e da aniquilação da linha de cor. No Brasil, a percepção da cor e de outros traços negroides é "gestáltica", dependendo, em grande parte, da tomada de consciência dos mesmos pelo observador, do contexto de elementos não raciais (sociais, culturais, psicológicos, econômicos) e que estejam associados – maneiras, educação sistemática, formação profissional, estilo e padrão de vida –, tudo isso obviamente ligado à posição de classe, ao poder econômico e à socialização daí decorrente.[167]

A maior parte das populações afro-brasileiras vive hoje nessa zona vaga e flutuante. O sonho de realizar um dia o "passing" que neles habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indisfarçáveis. Estes, por sua vez, interiorizaram os preconceitos negativos contra eles forjados e projetam sua salvação na assimilação dos valores culturais do mundo branco dominante. Daí a alienação que dificulta a formação do sentimento de solidariedade necessário em qualquer processo de identificação e de identidade coletivas. Tanto os mulatos quanto os chamados negros "puros" caíram na armadilha de um branqueamento ao qual não terão todos acesso, abrindo mão da formação de sua identidade de "excluídos".

---

[166] NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: Estudos de relações raciais*. São Paulo, T.A. Queiroz Editora, 1985, p. 6.

[167] NOGUEIRA, Oracy. *Op. cit.*, p. 8.

Marvin Harris pensa que essa classificação racial brasileira baseada na cor ou na marca é ambígua, na medida em que expressa pouco a importância da identidade racial em contraste com a importância assumida pela classe. Daí a ideia comum entre os estudiosos norte-americanos de que o brasileiro pode mudar de raça, ou melhor, de identificação racial, no decorrer de sua vida. Essa interpretação se aproxima dos ditados populares "o dinheiro branqueia" e "o preto rico é branco" ou "branco pobre é preto". Por isso, Oracy Nogueira pede cuidado na interpretação desses ditos, que são sempre empregados com certa ironia e cujo sentido mais exato seria: "o dinheiro compra tudo, até o *status* para o negro", o que, segundo ele, está longe de ser uma negação do preconceito ou da discriminação.[168]

[168] NOGUEIRA, Oracy. *Op. cit.*, p. 21-22.